

A INTUIÇÃO SEGUNDO BERGSON

Armando **AVELLAR**

Departamento de Filosofia da
UFPA.

RESUMO: O tema, constitui-se uma das categorias da pesquisa: "A Religiosidade em Dois Tempos", que propõe um estudo sobre a origem ou fundamento da Religiosidade a partir de um confronto de experiências entre alguns membros da Ação Católica e das Comunidades Eclesiais de Base. Destaca o termo Intuição e o analisa sob diversas formas, porém detém-se sob o aspecto filosófico à luz da doutrina de Henri Bergson. Além de discorrer sobre a natureza da Intuição, relata as inquietações ou dúvidas de Bergson ao empregar ou não o termo Intuição. E, por outro lado, mostra que Bergson busca uma forma de "dizer com precisão". A forma é traduzida pela Metafísica Positiva que tem como referencial ou instrumento de conhecimento a Intuição. O conhecimento intuitivo, dá-se ao nível do espírito. É um conhecimento do espírito pelo espírito por isso um conhecimento sem mediação. É um conhecimento que tem por ato "coincidir" e "simpatizar" com o objeto. A abordagem inclui com propriedade as funções das faculdades da Inteligência e do Instinto, demonstrando que ambas, apesar de distintas, completam-se e são indispensáveis para que se possa compreender a Duração, cujo movimento só podemos atingir e acompanhar através da Intuição.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade, Ação Católica, Comunidade Eclesial de Base (CEB), conhecimento intuitivo, instinto, inteligência, duração.

INTUITION ACCORDING TO BERGSON

ABSTRACT: The basic theme, underlying one concept in this report, is: "Religiousness in two periods", or a study of the origins and foundations of religiousness, beginning with confrontations between some members of the Catholic Action, and those from Grass roots catholic group (CEB) the notion of intuition is emphasized, and analyzed in various ways, although remaining within the philosophical doctrine of Henri Bergson. Following a discourse on the nature of intuition, certain concerns regarding the manner in which Bergson employs this term, are outlined, together with Bergson's endeavor to develop a technic for making "precision statements". Such an approach being transduced via posi-

tivistic metaphysics, using intuition as a reference point, or instrument of thought. In his words, Intuitive Knowledge occurs at the spiritual level. It is knowledge of the spirit by the spirit, thus, unmediated knowledge. It is knowledge deemed to be "coinciding" and "sympathizing" object-related act. The approach deals with functions of the faculties of intelligence and instinct, indicating that both, despite their distinctiveness, complement each other; a distinction required for understanding temporal consciousness, whose motion may only be apprehended through intuition.

KEY WORDS: Religiousness, Catholic Action Association (CAA), Grass' roots catholic group (CEB), intuitive knowledge, instinct, intelligence, temporal consciousness.

INTRODUÇÃO

Convém, inicialmente, ressaltar que este texto faz parte, como uma das categorias básicas, da pesquisa "A Religiosidade Em Dois Tempos..." que tem como hipótese principal saber a origem da Religiosidade a partir de um confronto de experiências entre alguns membros da Ação Católica e das Comunidades Eclesiais de Base.

A palavra INTUIÇÃO, usualmente, é tomada de modo equívoco, ou faz-se muita confusão a respeito do seu significado conforme afirmação de Bazarian, que, inclusive, escreveu um livro com o intuito de "colocar os pingos nos 'is'". (BAZARIAN, 1986, p. 32)

O equívoco consiste em se empregar o mesmo termo para designar percepções e circunstâncias de naturezas diferentes. É comum atribuí-lo a fenômenos como pré-cognição, pressentimento ou outras formas de percepção como a chamada 'sexto sentido' conhecido como uma espécie de dom específico da mulher, e àquele conhecimento que é fonte de uma investigação filosófica ou científica, como testemunha Einstein: "Eu penso 99 vezes e nada descubro; deixo de

pensar e eis que a verdade me é revelada pela intuição".

Nos primeiros exemplos, temos uma percepção gratuita, ou dom; no segundo, temos uma percepção como consequência de um esforço discursivo, consciente e livre. Contudo, em ambos encontramos uma relação com o inconsciente. "Daí é que, ao lado dos motivos da consciência e da razão, encontram-se sempre normalmente influências inconscientes em grande quantidade, perturbando as intenções da consciência" (JUNG, 1984, p. 60). Este outro nível de conhecimento que é o inconsciente, é melhor identificado como tal quando JUNG o distingue das outras formas de percepção como a sensação, o sentimento e o pensamento. Diz ele: "A intuição é uma percepção imediata de certas relações que não podem ser constatadas pelas outras três funções" (ou seja, sensação, sentimento e pensamento) (ibidem). Por este outro motivo é que Bergson hesitou muito em usar o termo dizendo: "J'ai choisi le mot intuition faute d'un meilleur mot" (CHEVALIER, 1959, p. 79).

Apesar disso, não há dúvida a respeito da existência da Intuição. Ela é uma faculdade que vem atuando desde os primórdios até hoje, embora em circunstâncias diferentes, como bem distingue Bachelard: "Com o novo espírito científico, é todo o problema da intuição que se encontra submetido. Com efeito, esta intuição não poderia de ora em diante ser primitiva, ela é precedida por um estudo discursivo que realiza uma espécie de dualidade fundamental" (BACHELARD, 1968, p. 125). Por outro lado, permanece a dificuldade quanto a natureza da intuição, que se constata não somente pelo fato de ser empregada em circunstâncias e áreas de conhecimentos diferentes mas, também, quando empregada por um

único autor, como é o caso de Bergson, em cujas obras verificamos diferenciações no emprego do termo.

A nossa intenção não é entrar no mérito da questão, ou seja, tentar definir a intuição, nem fazer um estudo comparativo, mas limitar-nos-emos em considerá-la em Bergson, sob diversos aspectos, tomando como eixo fundamental o conhecimento.

A confusão, dá-se pelo fato do termo revelar um aspecto comum entre todos os tipos de intuição que é quanto ao seu modo de manifestação, ou seja, de forma abrupta.

Se consultarmos um dicionário filosófico, podemos constatar que o termo Intuição tem diversas significações. Todavia, vamos nos limitar ao que diz Bergson a respeito.

O termo em pauta, presta-se a considerações especiais sob o ponto de vista da doutrina, pois para Bergson esse termo foi alvo de reflexão quanto ao seu uso ou não. Convém lembrar que a palavra Intuição já existia antes que Bergson pensasse em seu emprego. Mas nada impedia que o tomasse para expressar seu pensamento ou alguma idéia alcançada a partir de uma experiência pessoal. Sua preocupação não é apenas dar um novo sentido à palavra, mas tentar através dela exteriorizar alguma coisa que somente pode ser captada pelo espírito. A percepção pelo espírito é tão precisa e profunda que coloca o autor numa situação difícil ao escolher um termo que, na verdade, não é suficiente para exprimir tudo, ou satisfatoriamente, o que ele atingiu. Um novo sentido à palavra apenas somaria um significado novo quando seu objetivo é algo além disso, pretende expor uma realidade que é sempre nova. E neste sentido não poderia encontrar uma palavra que por si só tivesse a capacidade de acompanhar o processo

de mudança do seu objeto. Por esta razão, Bergson hesitou muito ao tomar o termo Intuição não porque já tivesse um significado próprio, mas porque gostaria de tomá-lo para expressar uma realidade dinâmica. Na verdade, encontraria dificuldade com qualquer outra palavra, pois intuição é contra qualquer tipo de sistemas porque estes estruturam e fixam a realidade, que, por natureza, é móvel. Pois "a filosofia não é um sistema. É uma atitude especial intuitiva" (MORENTE, 1972, p. 53). Mas termina optando por ele uma vez que não encontrou um outro melhor para dizer o que queria (BERGSON, 1970, p. 1271; CHEVALIER, 1959, p. 79).

A preocupação do autor não é, prioritariamente, definir ou conhecer nada, mas dizer com precisão o que se percebe. Coerentemente, não define, no sentido aristotélico, porque, segundo ele, a realidade está em Duração e a Duração em seu processo evolutivo, progressivo e irreduzível. Portanto, não caberia uma definição definitiva de algo que não é, mas está sendo. Se a realidade é um devenir, a palavra é efêmera para significá-la. Por outro lado, qualquer definição que apareça, de tal modo, na sua forma lógica, uma exposição justa e coerente, no fundo é insuficiente em relação ao definido que é mais do que a própria definição. Em outras palavras: "a exigência de precisão não se satisfaz com uma clareza imediata" (BACHELARD, 1988, p. 16). Porque o ser por trás da aparência está sendo. Como afirma Bachelard "não se pode pensar o ser".

Dizer com precisão não quer dizer esgotar o objeto, mas representá-lo de maneira dinâmica, respeitando sua natureza evolutiva, contínua. Daí o fato de Bergson usar uma linguagem metafórica em toda sua obra, e isto é fácil de constatar ao evocar por exemplo as imagens usadas para comunicar a

idéia de Duração, para o que alude a comparação com o espectro, com a orquestra sinfônica e com o relógio. Também representa uma peculiaridade do autor quando ao tratar deste assunto sua meta é somente abrir um caminho ou estabelecer, sem eternizar, determinados parâmetros metodológicos para facilitar essa busca constante da verdade ou desvendar cada vez mais uma realidade que se faz na medida em que se busca. "A única vantagem do homem é perceber a realidade, não possuí-la. Nossos conceitos nos encaminham para a verdade, mas não são a verdade" (FRANKLIN, 1981, p. 116). Sua preocupação é apresentar um método, um método intuitivo de conhecimento.

Dizer com precisão significa atingir, por um ato simples, a essência do objeto. Esse ato é simples porque se dá ao nível do espírito pelo espírito (BERGSON, 1970, p. 1285). É um ato sob tensão que é a atenção absoluta (BERGSON, 1970, p. 337), sem a qual não haveria coerência projetada numa imagem singular. A imagem é outro recurso muito usado no discurso de Bergson em virtude de sua oposição ao conceito que sempre é generalizante. A imagem será sempre imagem de alguma coisa. Será específica. Não permitirá ambigüidade. Embora não corresponda o objeto em si, mas o que diz, dirá sempre alguma coisa de um determinado objeto. A imagem é tão coerente que, segundo o autor, pode, quando múltipla, desembocar numa Intuição (BERGSON, 1970, p. 1399).

Um grande problema começa a se deflagrar quando percebemos que na Intuição bergsoniana existem duas ordens de conhecimento, um subjetivo ou metafísico e outro objetivo ou analítico. A conciliação dessas ordens podemos verificar a partir de um estudo realizado por um dos grandes intérpretes de Bergson, Georges Mourélos. Esse estudo poderá ser

evocado mais adiante quando discorreremos sobre a relação entre as faculdades da Intuição e da inteligência.

A hesitação do autor não procede somente da limitação do significado da palavra, mas também quando revela a intenção velada de criticar a inteligência no sentido de colocá-la no seu devido lugar, ou seja, como uma faculdade que é somente capaz de unir e desunir as coisas ou modificar o mundo, porém não de criá-lo. "Há uma suspeita da razão daquilo que se convencionou como apreensão inteligente do mundo" (FRANKLIN, 1981, p. 113). Suspeitar, no caso, é desconfiar da razão (COTTINGHAM, 1986, p. 58) como a principal fonte de conhecimento como da sua representação. Bergson foi, diversas vezes, mal interpretado quando tratou deste assunto. Chamaram-no até de "anti-intelectualismo" e lhe cunhavam de espiritualista. Tudo porque não entenderam o seu método intuitivo de conhecer a realidade. Método que, na verdade, tem suas dificuldades, porém não o suficiente para classificá-lo em posição extrema. Bergson não estava preocupado com esta ou aquela posição. A sua grande preocupação era propor um método mais coerente com a realidade dinâmica da vida. Pois para ele a vida é um devenir sem limites. E essa visão jamais a ciência pode revelar de modo coerente e preciso.

NOÇÃO DE INTUIÇÃO

Em busca de um conhecimento filosófico mais preciso e consistente, Bergson propõe restaurar a Metafísica tomando o caminho da Intuição. A Metafísica que, desde Aristóteles, tem-se limitado a uma ordem superior como o próprio nome indica. É cha-

mada de Positiva pelo fato de ser uma concepção abrangente da realidade, mas agora com certa verificação positiva, ou seja, o Conhecimento Metafísico não se limita às operações do espírito, mas aceita trabalhar com os resultados científicos. É uma ciência ligada às ciências sem, porém, depender destas.

O novo caminho aberto por Bergson tem como trilha a Intuição que põe o próprio pensamento em situações comprometedoras. Quase diria que o termo Intuição foi tomado como um mal necessário, como um único instrumento disponível e com certa condição para revelar o que pretendia o autor. Esse comprometimento é tão sério que Georges Mourélos chegou a afirmar que "a noção de intuição não será a mais indicada" (MOURELOS, 1964, p. 59), se fizermos um balanço das noções que possam conduzir a uma interpretação do conjunto da filosofia bergsoniana. O termo é tomado equivocadamente e não univocamente. Ora refere-se a uma ordem de conhecimento supra-intelectual ora à ordem dos fenômenos.

O fato é que o termo, quando usado, tem a pretensão de articular os dois níveis de conhecimento, cuja faculdade o homem ainda não se deu conta e que em virtude de ainda não ter tido a sorte de descobrir um nome adequado usa a palavra Intuição. Neste sentido ou com estas indicações a Intuição para ele é uma faculdade (BERGSON, 1970, p. 1289) mais restrita ao espírito. E a realidade impregnada de espírito é criação. Portanto a Intuição está direcionada para a Duração interior onde há mobilidade, e somente mobilidade. Para a Intuição é essencial a mudança (BERGSON, 1970, p. 1275). Conseqüentemente, pensar, intuitivamente, é pensar em Duração (ibid.).

Antes de abordarmos os aspectos fundamentais

que qualificam o ato intuitivo: **COINCIDÊNCIA** e **SIMPATIA**, convém lembrar os pressupostos do conhecimento intuitivo. Esses pressupostos estão relacionados com o nível de conhecimento que pretende ser sem fronteiras, uma vez que ele se direciona para a vida e tudo que se relaciona a ela. Os pressupostos são conhecimento sem **mediação**, conhecimento **absoluto** e conhecimento **singular**.

O conhecimento intuitivo, dá-se ao nível do espírito. É um conhecimento do espírito pelo espírito por isso um conhecimento sem mediação. Não há representação mas coincidência ou simpatia. Neste sentido um ato simples, indivisível. O espírito se identifica com o objeto pelo menos no ato da percepção. É certo que esse ato é absoluto enquanto ato e não enquanto percepção total do objeto. Do contrário, bastaria perceber uma vez para conhecer totalmente o que se conhece. Na verdade, o ato intuitivo se repete infinitamente de modo absoluto avançando cada vez mais na essência do objeto. E é necessária essa repetição em virtude do caráter evolutivo do objeto, o qual está sempre em mudança.

O conhecimento intuitivo é absoluto porque se trata de um conhecimento de profundidade, de essência do objeto e não da periferia e muito menos de aspectos do objeto, como acontece com o conhecimento relativo ou analítico. É um conhecimento interior, percebido, interiormente, porque "o que constitui sua essência não poderia ser percebido de fora... nem ser expresso por símbolos, pois é incommensurável com qualquer outra coisa... Somente a coincidência com a própria pessoa me daria o absoluto" (BERGSON, 1970, p. 1394). Não restaria, portanto, a menor possibilidade de relacionar esse ato com qualquer representação ou com qualquer outra coisa. Conclui-se que esse absoluto não pode ser

confundido com o conceito de absoluto teológico nem metafísico. A idéia de absoluto é da ordem antropológica ou, melhor ainda, psicológica. Produto do sujeito embora não se limite a ele. Em resumo, é uma percepção cuja qualificação indica e justifica-se pelo fato de não permitir qualquer tipo de mediação, nisto consiste sua natureza que por ser personalizada é, absolutamente, o que é percebido. Neste sentido é que entendemos a razão pela qual Bergson identifica o absoluto como **PERFEIÇÃO** (BERGSON, 1970, p. 1394).

Se quisermos considerar Deus sob o ponto de vista da doutrina bergsoniana, à luz das obras que antecedem à "As Duas Fontes da Moral e da Religião", a idéia seria de um Deus diferente, inacabado ou um Deus que dura, que se aperfeiçoa e, por isso mesmo, é "vida incessante, ação, liberdade" (BERGSON, 1970, p. 706). Portanto o absoluto deve ser compreendido como algo que polariza os extremos da Duração, o que não significa limitar, eternizar e materializar. Conseqüentemente, o eterno é uma abstração como é uma abstração o espaço. O eterno é movimento, vir-a-ser, mutabilidade. O termo, refere-se a uma ação constante e não a um sujeito ou coisa realizada, acabada. É uma abstração porque, na verdade, o ser eterno não existe mas o que existe é o Ser do Ser em ação. Por essa razão é que Bergson defende uma eternidade de vida em contraposição à eternidade de morte. Do contrário como poderíamos viver? "In ea vivimus, et movemur et sumus" (BERGSON, 1970, p. 1392). Nela nos realizamos eternamente.

A materialidade diz respeito a uma direção oposta à eternidade. Não seria uma negação mas um movimento contrário. "Com efeito, todas as nossas análises nos mostram na vida um esforço para subir

a rampa que a matéria desce. Mediante isso, elas nos deixam entrever a possibilidade, a necessidade mesma, de um processo, inverso da materialidade, criador da matéria tão somente por sua interrupção" (BERGSON, 1970, p. 703). As reações em sentido opostos nos indicam um princípio único que se chama impulso vital.

O conhecimento intuitivo engloba o passado com o presente e enseja o futuro no sujeito e nas coisas em atos que duram eternamente em sucessão contínua. É a vida que se confunde com o absoluto que, quando o consideramos em relação aos viventes, é supremo (LEVESQUE, 1973, p. 112).

O conhecimento singular é um dos pressupostos básicos do conhecimento intuitivo. A singularidade permite, de certo modo, a precisão, a simpatia e a coincidência no conhecimento. Quando, pois, intui-se, intui-se algo de alguma coisa singular. Com a intuição não acontece uma abstração generalizada como ocorre no conceito que diz respeito a uma representação generalizada ou revela as notas específicas dos objetos do mesmo gênero, não se compromete, portanto, com a entidade de um objeto, daquele cuja essência intuiu de forma absoluta. Dá para entender que essa intuição não implica na percepção de detalhes ou particularidades do objeto, mas somente aquilo que há de essencial no momento em que a Duração se revela como tal.

Embora já tenhamos falado sobre a necessidade de um conhecimento filosófico com precisão, o pressuposto que ora tratamos nos remete de volta a essa exigência de Bergson em relação ao conhecimento. Intuir, segundo ele, é intuir com precisão. Para que isso aconteça é necessária a presença de um fenômeno em decorrência do confronto do sujeito consigo mesmo através do objeto que intui. O fenômeno é a

tensão sem a qual não haveria percepção precisa e verdadeira. Tensão para Bergson, segundo Mourélos, é o mesmo que atenção. Mas essa atenção significa estar atento para a mobilidade do Ser que é percebido de modo circunstancial, enquanto o sujeito for capaz, em um estado de contemplação que deve ser entendido de acordo com a interpretação de Bachelard: "uma vibração feliz" (BACHELARD, 1988, p. IX). Contemplação na tensão é por onde passa a Intuição. Ainda o Bachelard: "uma intuição filosófica exige uma contemplação na qual se persiste longamente. Essa contemplação difícil, que pode ser compreendida e que sem dúvida pode ser ensinada, não está longe de ser um método discursivo da intuição" (BACHELARD, 1988, p. 19).

Na "Introdução à Metafísica", Bergson expõe de modo claro o que pensa da Intuição afirmando o seguinte: "chamamos aqui intuição a **simpatia** pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para **coincidir** com o que ele tem de único e, conseqüentemente, de inexprimível" (BERGSON, 1970, p. 1395). Simpatia e coincidência constituem as palavras-chave da noção de Intuição. A primeira, será melhor compreendida se evocarmos outra passagem nas "Oeuvres" do autor onde afirma que de inconsciente para inconsciente, de corpo para corpo, não há obstáculo, isto significa dizer que entre nós e as coisas existe algo em comum. Somos, na verdade, da mesma natureza. "A matéria e a vida que abundam no mundo estão também em nós; as forças que trabalham em todas as coisas, sentimo-la em nós; seja qual for a essência íntima do que é e do que se faz, nós nela estamos" (BERGSON, 1970, p. 1361). Portanto, "de nossa própria duração podemos, pois, passar para a duração dos outros seres vivos e inclusive à duração da matéria" (LEVESQUE, 1973, p. 102).

Simpatia, aqui, não deve ser tomada no sentido usual ou psicológico, mas no sentido grego. Usualmente, a palavra é empregada para dizer uma inclinação ou afeição natural entre pessoas. No sentido grego, porém, tem uma significação mais abrangente e ontológica, significa uma relação dos vivos entre si, como destes com as coisas materiais. "Natural tanto das coisas orgânicas como das inorgânicas resulta a doutrina da simpatia ou interação mútua" (PETERS, 1974, p. 221).

A Intuição tanto quer dizer a possibilidade de uma relação - "a faculdade de intuição existe em cada um de nós, mas recoberta por funções úteis à vida" (BERGSON, 1970, p. 1289) - possibilidade que exige muito esforço e dedicação para descobri-la quanto quer dizer uma coincidência que revela uma força especial de conhecimento. Coincidir não é justapor sujeito-objeto. Na Intuição não há dicotomia entre sujeito e objeto. "Bergson opõe uma forma de consciência mais elevada, sem imagens e sem distinção entre sujeito e objeto. Esta coincidência do sujeito consigo mesmo é a intuição, comunhão que em vez de encerrá-lo em si mesmo o permite transcender-se para participar das outras realidades" (ROSSI, 1980, p. 38). Mais precisamente é um conhecimento do "espírito pelo espírito" (BERGSON, 1970, p. 1285).

A Intuição nos possibilita uma comunhão com o interior do objeto mas não significa que o tenhamos sob domínio ou propriedade. Não devemos esquecer de que qualquer objeto está em plena Duração, em mudança contínua. Além disso, seu interior pelo fato de ser único é **inexprimível**. Esta visão nos parece um indicativo de liberdade. Se cada ser não se identificasse consigo e, somente, consigo mesmo, não haveria liberdade pois esta se fundamenta na

virtualidade de cada ser vir-a-ser uma surpresa.

INTUIÇÃO E INTELIGÊNCIA

Atingimos, agora, um dos aspectos mais importantes da nossa reflexão sobre Intuição. Atingimos o aspecto operacional. Falar sobre Intuição, necessariamente, temos que falar sobre inteligência. São duas faculdades, que embora independentes, contudo são complementares e até se interpenetram. Não é muito fácil perceber onde termina uma e começa outra. Sabemos dizer o campo operacional de cada uma pois enquanto a Intuição se direciona para o móvel; a inteligência se direciona para o imóvel, para o que é inerte. Isto significa dizer que a Intuição tem por objeto a vida enquanto Duração; a inteligência a matéria enquanto imobilidade. É da competência da Intuição perceber a vida porque esta é mutação contínua. A vida é um eterno devir ou um vir-a-ser constante. Em resumo: é próprio da inteligência conhecer o imóvel na sua imobilidade.

Enquanto constatamos essas faculdades como distintas e independentes em relação aos respectivos objetos, em se tratando da práxis de ambas, no entanto verificamos uma complementaridade difusa que dificulta ou torna obscura sua distinção ou independência. Não é fácil, na prática, distinguir a ação de uma em relação à ação de outra. Por outro lado, somente através da experiência é que podemos reconhecer, intuitivamente, as distinções e separações sem estabelecer limites. Há, na verdade, uma interpenetração mútua que contribui para essa fusão entre as duas faculdades.

A Intuição é a faculdade da interioridade, da essência; a inteligência é a faculdade da exterioridade,

ridade, da temporalidade. Na "Introdução à Metafísica", Bergson distingue muito bem as faculdades quando trata do conhecimento. O absoluto é percebido pela Intuição enquanto o relativo é percebido pela inteligência (BERGSON, 1970, p. 1393). Diz-se absoluto porque se trata de um conhecimento que atinge o objeto inteiro, na sua totalidade, porém sem esgotá-lo totalmente como se não houvesse mais possibilidade de conhecê-lo mais a fundo. O conhecimento é completo e perfeito no ato mesmo da Intuição, ato simples e indivisível (BERGSON, 1970, p. 1416) porque "c'est la vision directe de l'esprit par l'esprit" (BERGSON, 1970, p. 1273). Portanto, trata-se de um conhecimento sem mediação, ou melhor, não existe diferença essencial entre sujeito e objeto. O sujeito conhece o objeto através de si ou o sujeito identifica-se com o objeto. Daí a expressão de Bergson: "la métaphysique est donc la science qui prétend se passer de symboles" (BERGSON, 1970, p. 1396). Por isso é que o denomina de evidente (BERGSON, 1970, p. 1406). Chama de relativo o conhecimento periférico, limitado e, portanto, transitório em virtude de se limitar a circundar o objeto. É um conhecer do exterior e não do interior do objeto. "A inteligência não foi feita para pensar a evolução, no sentido próprio da palavra, isto é, na continuidade de uma transformação que fosse mobilidade pura" (BERGSON, 1970, p. 633). Portanto, escapa-lhe o que há de maior interesse e admiração na história que é o NOVO. "Elle n'admet pas l'imprévisible. Elle rejette toute création" (ibid.). É um conhecimento do inerte, da matéria.

Partindo do princípio de que a inteligência se direciona para a matéria bruta e esta se lhe apresenta de formas descontínuas, podemos entender a sua função que é de unificação e divisão das coisas

materiais. Mas além de outras funções desempenhadas pela inteligência existe uma muito importante que é de transformar as coisas em órgãos, conferindo assim uma certa vida à matéria, como se determinados objetos fossem uma espécie de prolongamento do ser humano como é o caso do computador e outras máquinas que operam fazendo as vezes do homem. - "Todas as forças elementares da inteligência tendem a transformar a matéria em instrumento de ação, isto é, no sentido etimológico da palavra, em órgãos. A vida não satisfeita em produzir organismos, pretenderia dar-lhes como apêndice a própria matéria inorgânica, convertida em imenso órgão pelo dinamismo do ser vivo. Essa é a tarefa que ela atribui primeiro à inteligência. Por essa razão é que a inteligência se porta invariavelmente ainda como se estivesse fascinada pela contemplação da matéria inerte" (BERGSON, 1970, p. 632). Em resumo: para simplificar a relação ou divergência entre a Intuição e a inteligência, tomemos como representação duas linhas, uma vertical, que representa a Intuição, e a outra horizontal, que representa a inteligência. As linhas têm direções diferentes, mas se cruzam formando uma cruz. O ponto de cruzamento entre as linhas simboliza a relação íntima entre as duas faculdades ou a fusão das mesmas. A linha vertical, simbolizando a Intuição, é a linha que atinge a essência dos seres, mas não é capaz de estabelecer relações ou fazer inferências, revela um conhecimento profundo, porém, singular. Por esta via tem-se um conhecimento mediante uma "certa imagem", ao passo que a linha horizontal, através de conceitos, oferece uma representação generalizante. O movimento é inverso entre as faculdades. Enquanto a Intuição parte do "objeto" para criar uma certa imagem, a inteligência parte do conceito para o ob-

jeto, que o conhece à luz de conhecimentos anteriores. Portanto ao nível da inteligência não há um conhecimento puro, original como pode acontecer com a Intuição. Esta sim pode desembocar na análise, jamais a inteligência poderá desembocar na Intuição (BERGSON, 1970, p. 1413). Pois esta, opera de dentro para fora e a aquela de fora para dentro

INTUIÇÃO E INSTINTO

São duas faculdades, embora distintas, estão inteiramente ligadas. Basta dizer que jamais entenderíamos o instinto se não fosse a Intuição, e esta, por sua vez, jamais compreenderia alguma coisa da vida sem o instinto. A Intuição é um ato da consciência; o instinto é uma força do inconsciente que tem por objeto preservar e manifestar a vida. Conseqüentemente, a inteligência não tem capacidade de compreender o instinto, pois além deste manifestar-se em diversos graus, ele é imprevisível. Sua força e forma não se enquadram a nenhum modelo que tenha por objeto limitar sua atuação. A Intuição, sim, é capaz de compreendê-lo porque é a faculdade do interior e do móvel. É através dela que as percepções do instinto são direcionadas para a consciência. Tudo que sabemos, de modo consciente, do instinto é via Intuição.

O fato da inteligência não acompanhar o processo e as manifestações do instinto como o faz a Intuição não significa um desinteresse de sua parte, ela procura traduzi-lo de acordo com os seus termos. Sabemos que a inteligência é, essencialmente, a faculdade de manipular a matéria" (BERGSON, 1970, p. 635,670) o que nos leva a concluir que uma das suas características é a "incompreensão natural da vida"

(BERGSON, 1970, p. 635). Sendo assim, sua relação com o instinto dá-se em forma de imitação. Apesar disso, essas faculdades se completam. "Há coisas que só a inteligência é capaz de procurar, mas que, por si mesma, jamais encontrará. Essas coisas, só o instinto as encontrará; mas ele jamais irá procurá-las" (BERGSON, 1970, p. 623).

A manifestação do instinto em diversos graus acima referido, permite-nos levantar uma questão que tem a ver com os objetivos de nossa pesquisa: se o instinto é uma força (BERGSON, 1970, p. 636) e ao mesmo tempo é um esforço (BERGSON, 1970, p. 640) - é uma força enquanto se origina e se identifica com o próprio impulso vital e é um esforço porque capaz de se aperfeiçoar (BERGSON, 1970, p. 636), força no sentido de preservar e congrega os elementos da natureza humana, onde predomina o comum ou o social, coletivo; esforço no sentido de criar, inventar para sobreviver em paz consigo e com a natureza - a Religião não seria um modelo mais amplo onde o instinto e a inteligência poderiam conviver e desenvolver-se de modo mais eficiente e satisfatório às exigências do instinto e da inteligência? A resposta poderá ser dada em outros artigos previstos como Função Fabuladora e Religião Estática e Religião Dinâmica.

Essa pergunta só podemos formular em virtude do instinto se constituir uma faculdade quase insondável. Conhecê-lo em suas raízes não teríamos grandes vantagens, pois não saberíamos traduzir. Como diz Bergson: "o que há de essencial no instinto não poderia exprimir-se em termos intelectuais, nem por conseguinte se analisar" (BERGSON, 1970, p. 637). O instinto confunde-se com a vida na sua forma mais primitiva. O instinto age, se assim podemos falar, organicamente. Se a "consciência que adormece nele

despertasse, se ele se interiorizasse em conhecimento em vez de se exteriorizar em ação, soubéssemos interrogá-lo e se ele pudesse responder, ele nos revelaria segredos mais íntimos da vida". Isto não significa dizer que ele não evolui, pelo contrário, aperfeiçoa-se, "manifesta-se em diversas formas de grau de perfeição" (BERGSON, 1970, p. 635).

Como já foi dito, o instinto se aperfeiçoa na medida em que cruza com a razão sem se tornar dependente dela. Pelo contrário, ela é quem precisa dele. O instinto primitivo não é primitivista, ele evolui. Há uma ascensão evolutiva de "um estágio pré-racional ou instintivo para uma direção preponderantemente intelectual" (...) "O que antes era dirigido por instintos puros, está sendo sobrepujado pelas ações racionais. No que se refere, porém, às elaborações biológicas inconscientes, o instinto dirige a estruturação e conservação orgânicas, sem a intervenção da razão" (...) "Ao mesmo tempo que se manifesta essa miscibilidade do irracional com o racional, verifica-se o aparecimento da inteligência superior ou "supra-intellectuelle" que avulta sobre os processos intelectuais discursivos e que denominamos intuição (SANTOS, 1981, p. 111).

O cruzamento dessas duas faculdades sem que uma se identifique com a outra, leva-nos a concluir que elas se completam e distinguem-se na direção tomada para o respectivo objeto que constitui para cada qual uma instância diferente. Enquanto uma, a inteligência, atua ao nível do consciente, da exterioridade, a outra, o Instinto, atua ao nível do inconsciente, da interioridade (BERGSON, 1970, p. 618).

INTUIÇÃO E DURAÇÃO

Concluindo a nossa exposição sobre Intuição, uma

das categorias tomadas como suporte da nossa pesquisa, resta-nos falar da sua relação com a Duração, cujo conteúdo é complexo e extenso. Entretanto, limitar-nos-emos a considerá-la apenas sob aspectos que tem em comum com a Intuição, deixando para retomá-la, posteriormente, de maneira mais ampla e destacando certos detalhes se julgarmos relevantes ao nosso trabalho.

Bergson, na última obra, "La Pensée et le Mouvant", faz uma afirmação que se adequa, sobremaneira, ao assunto que estamos iniciando. A expressão é a seguinte: "penser intuitivement est penser en durée" (BERGSON, 1970, p. 1275). Isto significa dizer que o objeto da faculdade da Intuição é a Duração ou mais precisamente "a mobilidade da duração" (BERGSON, 1970, p. 1416) ou a própria realidade (MARTAIN, 1930, p. 139). Significa também dizer que esse modo de pensar está fora de qualquer sistema porque não admite que a realidade seja estruturada ou fixada (MORENTE, 1972, p. 53). Pensar intuitivamente é pensar fora da temporalidade ou "assegurar a passagem do psicológico à metafísica" (ETCHVERRY, 1959, p. 104). Por que este pensar é extra-temporal? Porque seu objeto é a própria mobilidade. E sendo assim "é necessário viver a duração, colocando-se na sua mobilidade pela intuição e instalando-se no interior do objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único, por um esforço de simpatia intelectual" (BERGSON, 1970, p. 1395). Colocar-se no interior do objeto sem nenhuma mediação é um ato próprio do espírito. E "esta visão direta do espírito pelo espírito é a função principal da intuição" (BERGSON, 1970, p. 1285).

Intuição e Duração são dois termos que, na verdade, estão intimamente relacionados. A Intuição, como forma de conhecimento, pende para o móvel, seu

objeto específico, opera direto, sem mediação, através de um ato simples do espírito, atingindo o que há de essencial e inexprimível - a essência do objeto. A duração, a própria mutabilidade, "objeto" da intuição nas suas múltiplas e imprevisíveis situações.

Intuir é simpatizar, coincidir num dado momento absoluto. Tomando o termo coincidir como o mais explícito na sua significação, vê-se que o ato intuitivo, simples, indivisível, permanece no sujeito enquanto tal pelo fato de ser o próprio intuído no seu "modo" dinâmico mas impossibilitado de ser dito como tal ou verbalizado.

Há coincidência porque há algo de comum entre o sujeito e o "objeto". Há uma comunhão porque, para Bergson, não há barreira entre um e outro. O sujeito é uma síntese do que existe fora dele. Além do mais, a fluidez da matéria, do espírito permite uma comunicação direta e imediata.

A Duração, de sua parte, dura a um nível não perceptível pelos sentidos e pela razão. A Duração, como já foi afirmado, é a própria realidade, em constante mudança ou continuamente progredindo. Como não se enquadra a sistema algum ou aos modelos científicos, não existe outra saída para ser percebido ou melhor dizendo - para ser fiel ao pensamento de Bergson - sentido senão a Intuição.

Somente através da experiência é que podemos reconhecer a comunhão e distinção entre a Intuição e Duração sem estabelecer limites.

Durar é sentir-se e mover-se no ser que está dentro da gente a progredir, ininterruptamente, em comunhão com a realidade, que não é conceituada, abstraída, mas convivida.

Intuir é uma forma de percepção que somente o espírito é capaz de atingir.

Vê-se que a intuição não é fruto da gratuidade e muito menos deve ser encarada como adivinhação mas fruto de um esforço, de um desejo profundo de um saber, com precisão e de maneira absoluta, que somente o Espírito, em estreita ligação e participação da vida quotidiana é capaz de operar (RUSSELL, 1959).

O ato de intuir embora distinto da atitude de investigação empírica, no entanto, não atua em linha paralela como se um ato fosse indiferente ao outro, eles se cruzam e até se completam, conforme afirmação de Leandro Russovsk Tessler, ao referir-se ao cientista Pierre Gilles de Gennes, merecedor de um grande prêmio: "O Prêmio Nobel de Física de 1991 representa um reconhecimento ao uso da intuição como ferramenta básica para o desenvolvimento da Ciência".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A dialética da duração. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- BAZARIAN, Jacob. Intuição heurística. São Paulo: Alfa Omega, 1986.
- BERGSON, Henri. Oeuvres. Paris: PUF, 1970.
- CHEVALIER, Jacques. Entretiens avec Bergson. Paris: Librairie Plon, 1959.
- COTTINGHAM, John. A filosofia de Descartes. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- ETCHEVERRY, Auguste. La durée bergsonienne. Bulletin de la Société Française de Philosophie. Paris: A Colin, 1959 [número especial]
- FRANKLIN, Leopoldo e Silva. Notas sobre a intuição em Pascal e

- Bergson. Discurso. São Paulo, n. 12, 1981.
- JUNG, C.G. A natureza da psique. Petrópolis:Vozes, 1984.
- LEVESQUE, Georges. Bergson: vida y muerte del hombre y de Dios. Barcelona: Herder, 1975.
- MARITAIN, J. La philosophie Bergsonienne. Paris: Rivère, 1930.
- MORENTE, Manuel García. La filosofía de Henri Bergson. Madrid: Espaná, 1972.
- MOURELOS, Georges. Bergson et les niveaux de réalité. Paris: PUF, 1964.
- PETERS, F.E. Termos filosóficos gregos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- ROSSI, Suzana. La filosofía religiosa de Bergson: las interpretaciones. Convivium, v. 1, n. 8, p. 38, 1980.
- RUSSELL, Bertrand. Os problemas da filosofia. Coimbra: A. Amado, 1959.
- SANTOS, Jessy. Filosofia e humanismo. São Paulo: Duas cidades, 1981.